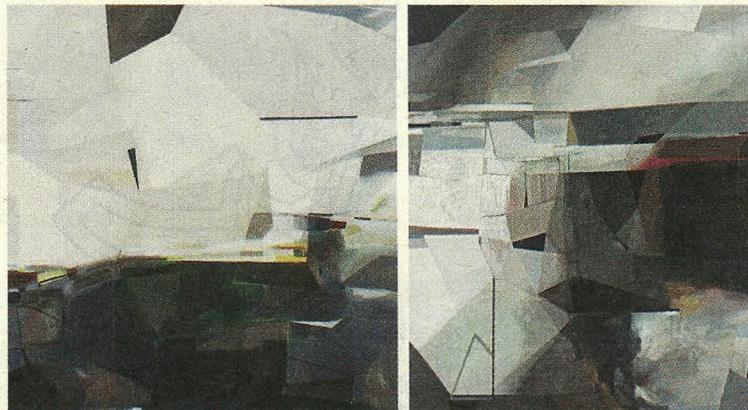


OLHARES

Rocha de Sousa

Susana Chasse
Diferentes dimensões

«Nasce, para a nossa visão, um espaço onde a luz converge e toca a sombra, ciclicamente, replicando esse movimento fadário. Irrompem-se campos bidimensionais para fugazmente conquistarem a tridimensionalidade, como a almejar criar-se a si mesmos, sem atravessar o Criador. É um momento de rebelião onde não se intenta honrar a premissa processual». É desta forma, anotando os segredos e essências do fazer, que Susana Chasse (SC) apresenta a sua primeira exposição individual, com pinturas e desenhos, peças inéditas e vontade exemplar. São palavras principais, que comportam imagens despojadas e nos avisam que tudo isto só



Duas pinturas de Susana Chasse

agora começou, no melhor dos sentidos.

Nascida em Lisboa, em 1972, ensina desenho desde 1994, 2005 par-

ticipa em exposições, desde 2005, completou o mestrado em Design e Cultura Visual em 2010, e colaborou na Trienal de Desenho 2012.

Agora na Galeria de São Mamede, vejo sonhos das terras no aviso das cidades. Digo sonhos como improvisado em torno de um ensaio de Rui Tavares sobre o desenho, as cores de terra, apesar dos cinzas, além dos azuis e luminosidades brancas da obra plástica de SC. É que num texto chamado *Lands Project* é evocada uma palavra japonesa cuja sonoridade foi traduzida por *ensô*, a qual, da sua remota origem à sua mais recente prática, tanto convoca a memória da formação caligráfica como suscita a própria personalidade do artista na execução do símbolo — circular, e sentido restrito — vindo de longas aprendizagens e atingindo «um estado de genuíno desprendimento de si próprio, durante o qual o criador não pode estar presente», exceto em espírito, em esquecimento, «como se todos os seus gestos num só ato.»

Olhemos então para o modo de formar de Susana, a ideia de linha no «desenho como meditação» ou «o olhar que contempla». Sabemos que não é o desenho que medita ou que contempla. Os registos que o fazem e apela podem levar ao nosso campo perceptivo, à nossa mobilidade visual, sensações capazes de engendrar esses significados; alguém por eles, outrora, sulcando brisas no pa-

pel, hastes em curva, caminhos da memória e alguma implantação tecnológica começando. Ora isto já acontece na obra pictórica, de uma estranha privacidade técnica. O desenho pode anteceder uma boa parte da pintura que depois plasmou bidimensionalmente na tela — o que é sempre um equívoco, e ela sabe-o com lucidez. Podemos admitir que o desenho decorre todo no mesmo plano, mas qualquer breve flexão e diferentes obliquidades atravessam o espaço tridimensional da nossa percepção, apesar do seu enviesamento entre o lugar do observador e a distância das coisas altas ou baixas em redor dele. O cérebro sabe endireitar tudo o que parece fugir para qualquer remoto ponto de fuga.

O desenho é estruturador também nas placas de cor que formam a pintura de Susana Chasses, que se misturam, esbatem nos tons e nos valores, como qualquer coisa que vai emergir em monumentalidade ou é já uma bela dissolvença de outros tempos, de linhas de diversas sustentabilidades. JL

» *Susana Chasse*
LANDS PROJECT - EMPTY OF SEPARATED EXISTANCE
Galeria São Mamede, Lisboa, até 22 de Julho